



Os camelôs da feirinha da madrugada na cidade de São Paulo: uma abordagem ancorada na multiplicidade social

The camelôs of the madrugada fair in the city of São Paulo: an approach anchored in social multiplicity

Álvaro Cardoso Gomes*
Rosineia Oliveira dos Santos**

Resumo

Este artigo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de campo, que envolveram camelôs da cidade de São Paulo, mais especificamente região do Brás, local conhecido popularmente como Shopping Popular da Madrugada. Nosso objetivo foi verificar se o mercado informal é um fator fundamental para mudança de comportamento desse comerciante, analisando se este utiliza estratégias para aumentar suas vendas em um ambiente tão competitivo. Pesquisamos se os trabalhadores informais possuem algum nível de ensino e se isto influencia no seu desempenho. Em entrevistas com os camelôs, elaboramos um questionário com perguntas sobre o seu desempenho diário de sobrevivência nesse mercado de grande concorrência e a relação entre brasileiros e imigrantes que compartilham saberes em uma feira com grande multiculturalismo. Com os dados coletados, analisamos as respostas e pudemos constatar que, mesmo sem ter conhecimento acadêmico da forma como vender seus produtos, sabem que precisam criar laços e que em um ambiente tão competitivo, como é o mercado informal na cidade de São Paulo, eles precisam uns dos outros. Chegamos à conclusão que este trabalhador informal, conhecido popularmente como camelô, consegue se sobressair perante outros comerciantes não somente pela forma com que trabalha com seu produto, mas por conseguirem preços bem abaixo dos outros com pontos em lojas de rua e, com isso, conseguirem vender suas mercadorias e trazer sustento para suas famílias e dependentes.

Palavras-chave: Camelô; Mercado informal; Feirinha da madrugada.

Abstract

This article was developed through field research, involving Street vendors in São Paulo, more specifically Brás region, known popularly as location Popular Shopping da Madrugada. Our goal was to determine whether the informal market is a key factor in changing behavior that merchant, analyzing whether this use strategies to increase your sales in a very competitive environment. Researched if informal workers have some level of education and whether this influence on their performance. In interviews with the vendors, we developed a questionnaire where there are questions about your daily performance of survival in this highly competitive market and the relationship between Brazilians and immigrants who share knowledge in a fair with great multiculturalism. With the collected data, we analyze the answers and we found that even without academic knowledge of how to sell your products, know they need to bond and in such a competitive environment, as is the informal market in São Paulo, they need each other. We concluded that this informal worker, popularly known as a street vendor, can stand out against the other traders not only the way you work with your product, but get prices well below other with points in high street shops is it can sell their goods and bring food for their families and dependents.

Keywords: Marketing Mix; Camel; Informal work; Profitability.

Introdução

Ao longo dos anos, com o crescimento da globalização e a influência da economia, as empresas encontraram dificuldades para manterem-se no mercado e satisfazerem as exigências de profissionais cada vez mais qualificados, buscando no mercado de trabalho maior qualidade, além de produtividade com menor custo. Consequentemente, a

* Doutor em Letras e professor titular da USP, coordenador do curso de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade de Santo Amaro (UNISA).

** Mestranda no curso Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA), pesquisadora convidada do Interdisciplinaridade: Movimento e Transformação (InMTra), Núcleo de Estudos e Pesquisas - Universidade Paulista - UNIP/SP
Contato: acgomes@unisa.br; olisanta@gmail.com

demanda deste mercado modificou o perfil dos profissionais. Estar sempre atualizado, fazer cursos e se diversificar em outras áreas são os principais ingredientes para a conservação do emprego. Nas últimas décadas, alguns fatores determinaram a atual situação sócio-econômica do nosso país. As crises do petróleo dos anos 1970; a crise da dívida externa e inflação dos anos 1980 e 1990; o desemprego motivado pelo avanço tecnológico juntamente com a forte recessão e o achatamento salarial; dentre outros, fizeram com que uma grande massa de trabalhadores migrasse para a economia informal. Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1972), o trabalho informal se caracteriza pela ausência das relações contratuais, considerando trabalhadores informais aqueles que exercem atividades econômicas à margem da lei e desprovidas de proteção ou regulamentação pública, e cuja produção acontece em pequena escala.

A população que participa do setor informal é composta principalmente de jovens ou pessoas de idade mais avançada, sendo que a proporção de mulheres é maior em relação ao mercado formal. Os imigrantes formam outro importante grupo, pois muitos ocupam grande parte deste mercado. Chamamos atenção para a grande leva de refugiados que estão na Feirinha da Madrugada e em seu entorno.

Nesta pesquisa, estudamos os camelôs da Feirinha da Madrugada e como se dá o processo de ressignificação deste trabalhador diante das dificuldades encontradas para se manter dentro deste ambiente com grande diversidade. Assim, estudamos o setor informal para entendermos melhor como os camelôs lidam com suas relações neste mercado e como fazem para se sobressair criando laços simbólicos nas relações sociais. Ao mesmo tempo, pesquisamos também se os trabalhadores informais possuem algum nível de ensino e se isso influencia em seu desempenho diário. A justificativa está relacionada à existência de um grande número de trabalhadores informais, em especial de camelôs, que são marginalizados por sua ocupação. Apesar disso, percebe-se um ingresso crescente de pessoas nesse mercado, com várias etnias e a imigração como pano de fundo e, mais recentemente, a questão do refúgio. A gama de informações e conhecimentos reunidos por este mercado desmistifica a ação desse trabalhador discriminado por ser considerado um ilegal.

Parece que os camelôs estão aumentando significativamente suas vendas e vêm estreitando sua relação com os clientes. Esse trabalhador informal, mesmo não possuindo o conhecimento técnico ou acadêmico, parece que se apropria dos seus conhecimentos. As hipóteses levantadas foram se a maioria dos camelôs se concentra no comércio e, para permanecer neste mercado competitivo, utilizam estratégias de sobrevivência, pois, devido à globalização e aos avanços da tecnologia, o mercado de trabalho exige profissionais cada vez mais qualificados, o que gera alta taxa de desemprego e com isso força os trabalhadores que não atendem às exigências das empresas para o mercado informal. Além disso, o aumento de trabalhadores no mercado informal também é consequência de uma migração de trabalhadores do setor formal em busca de maiores ganhos financeiros e de nova oportunidade de ganho.

A metodologia utilizada foi a pesquisa quanti-qualitativa, baseada inicialmente por uma revisão bibliográfica sobre o papel deste trabalhador informal e, posteriormente, uma pesquisa de campo por meio de entrevistas individuais com 50 camelôs na cidade de São Paulo, região do Brás, no denominado Shopping Popular da Madrugada ou Feirinha da Madrugada (popularmente conhecida).

1 A economia brasileira e o mercado informal: a expansão do número de camelôs

Em 1999 ocorreu a desvalorização do Real, deixando claro que o país enfrentava grandes dificuldades, pela necessidade de superávits expressivos na conta capital, pela não retomada do crescimento e pela manutenção de elevadas taxas de desemprego.

A década de 1990 se caracterizou pelas novas formas de trabalho, que trouxeram consequências sociais, mais especificamente a alguns indivíduos, revelando-se um possível fim do trabalho formal. Os riscos e as instabilidades trouxeram insegurança que foram estendidas para a sociedade, em posições profissionais, em relações antes pensadas seguras e protegidas (RAMALHO; SANTANA, 2003, p.21). Paralelamente às mudanças no trabalho, percebe-se à ampliação do desemprego. A crescente informalidade do mercado de trabalho brasileiro deve-se ao acentuado declínio a qualidade nos postos de trabalho com os chamados empregos atípicos. No final dos anos 90 a preocupação era voltada para as relações entre setores formais e informais reconfigurando a realidade das mudanças profundas.

Os impactos sobre a população trabalhadora resultaram em um intenso aumento de desemprego, que conduziu uma crescente inserção de novas formas de contratação, de forma que temos diversas categorias ocupacionais ou subempregos, por exemplo: trabalhador autônomo, terceirizado, vendedor ambulante, cooperado, entre outros.

Nos anos de 1990, verificou-se um aumento contínuo do percentual de ocupados em atividades informais entre as pessoas que moram e trabalham no município de São Paulo:

A expansão do setor informal nos anos 90 foi determinada pelo crescimento dos percentuais de assalariados sem carteira assinada em empresas com mais de cinco empregados, que cresceu 64,7%, passando de 5,1% para 8,4% da população ocupada (SINGER, 2001, p. 25).

Somente no ano de 2000 o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu mais vigorosamente, mas abaixo do observado no ano de implantação do real. Ainda assim o Brasil chegou a um nível de desemprego jamais visto em sua história. Se tomarmos como base a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o índice passou de 3,4 % em 1989 para 7,1% no ano de 2000, nas regiões metropolitanas pesquisadas por esse instituto (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador). Já segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), realizada na região metropolitana de São Paulo pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) em convênio com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Sócio-econômico (Dieese), o índice de desemprego total passou de 8,7% em 1989 para 17,6% no ano de 2000. Com o desenvolvimento do capitalismo houve uma desvalorização da moral ideológica do trabalho que causou em alguns trabalhadores desconforto e impotência diante da ausência do mesmo.

Em 2001, segundo o IBGE, eram milhões de trabalhadores que atuavam no mercado informal ou nos chamados subempregos, ou seja, fazendo bicos, vendendo pequenos produtos nos sinais, tais como diaristas, empregadas domésticas ou camelôs, desenvolvendo dinâmicas diante da falta de oportunidade no mercado formal. De 2003 a 2004, o mercado de trabalho informal obteve um crescimento de 9,6%, com expressiva diferença em relação ao mercado formal, que foi de 7,2%. Portanto, fica claro que o crescimento do mercado formal de nada vale se comparado ao mercado informal, que é bem maior e neutraliza o crescimento econômico e o aumento do PIB, já que o mercado informal cresceu 4 vezes mais rápido.

Em 2003 o país continuava com dificuldades bem mais acentuadas, enfrentando novamente um quadro internacional muito mais conturbado. Esse catastrófico quadro gerou diversas demissões e quase metade da população de grandes centros do país trabalhava sem carteira assinada e salário fixo.

Um dos principais problemas que se destaca no mercado informal é a precarização do trabalho e reestruturação dos processos, que ocorre no Brasil de forma contínua. As transformações a partir da década de 90, desencadeadas pelo sistema capitalista, trouxeram mudanças para relações de trabalho no século XX. O crescente assalariamento é substituído pela mão de obra informal, aprofundada pela situação da precarização do trabalho formal. As principais características da sociedade avançada impactaram sobre o trabalho, sobressaindo a centralidade dessa mão de obra.

No Brasil, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho, no setor formal do mercado de trabalho, onde estão os trabalhadores protegidos por contratos e pelos estatutos públicos, foram eliminados cerca de 2.560 milhões de empregos entre janeiro de 1990 e dezembro de 1997, e o salário diminuiu gradativamente. Alega-se que a falta de qualificação do nosso trabalhador é o fator impeditivo para a sua aceitação pelo mercado de trabalho, mas o que se verifica é que os setores que mais contrataram nos anos 1990 são, em geral, de baixa qualificação e que pagam salários menores.

De acordo com Antunes (1995), o processo de globalização na economia brasileira causou grande impacto sobre o mercado de trabalho nas relações trabalhistas. Alguns autores, que explicam os problemas que surgiram no mercado de trabalho decorrentes do processo de abertura da economia brasileira e de globalização, por exemplo, enfatizam que o processo deveria ter ocorrido levando em consideração se o contexto macroeconômico interno se mostrava propício, de forma que sujeitasse a economia a menores níveis de desigualdade e desemprego.

Quanto à questão específica do aumento do desemprego, as novas formas de organização do trabalho e o alto grau de desenvolvimento tecnológico, de inovações organizacionais e gerenciais, estão entre os principais fatores geradores. A automação da produção, provocada pela revolução tecnocientífica elimina postos de trabalho e aumenta a produtividade.

Diante da revolução tecnológica, uma nova realidade se apresenta: uma sociedade pós-industrial, onde a tecnologia substitui a mão-de-obra, eliminando mais empregos, levando à formação de uma classe marginalizada, tanto econômica quanto socialmente (DUPAS, 1998, p. 01).

Segundo o IPEA (2015) “o trabalho informal não parou de crescer, sendo que o Brasil passou a ser o 4º país que tem um dos maiores mercados informais, entre 110 países”. Estudos realizados pelo Banco Mundial e *National Bureau of Economic Research* apontam o Brasil entre um dos que tem uma legislação trabalhista mais rígida e burocrática, com excesso de tributação e alto índice de desemprego.

A informalidade cresceu com muita rapidez e as dificuldades destes trabalhadores cresceram juntamente com a crise.

(...) o mercado informal continua forte e que o crescimento ocorre principalmente por causa da elevada carga tributária sobre empresas e trabalhadores. Embora a taxa de desemprego caia lentamente, o índice de desemprego é bem acentuado e massacra os trabalhadores que optam pelo mercado informal, principalmente da cidade de São Paulo. O economista José Márcio Camargo, cita que “as regiões metropolitanas estão tendo muita dificuldade de se reinventar” (ESTADO DE S. PAULO, 25 dez.2006, p. 5).

Fica evidente que o maior prejudicado na crise econômica é o trabalhador, que, em meio à competitividade no mercado de trabalho, busca ingressar-se em novas formas de inserção para sua sobrevivência.

Com a crise financeira nos Estados Unidos, já assumida desde março de 2008, ocorreram boatos, segundo os especialistas, de que, em médio prazo, se a crise se agravasse e a demanda externa diminuísse, o desemprego poderia aumentar e os salários iriam diminuir devido ao aumento de pessoas à procura de uma colocação no mercado de trabalho em função do desaquecimento econômico; o que se confirma com a crise que assola o Brasil recentemente (2015 – 2016).

Com a substituição de trabalhadores por formas renovadas de produzir, mediante novas tecnologias e gestão, houve a intensificação do trabalho pelo ritmo crescente da sociedade. Seriam formas tradicionais de restrição da participação de toda a força de trabalho no processo de produção social (MARX, 1985).

O trabalho informal, que historicamente foi visto como trabalho precário e sem valor, hoje é visto com positividade e flexibilidade, e, depois de muito tempo, esse trabalhador é encarado como empreendedor.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1972) lançou, em 1969, o Programa Mundial de Emprego, o qual tinha entre seus principais objetivos avaliar os efeitos sobre o emprego e a distribuição de renda do trabalhador. O diagnóstico foi que o padrão de crescimento econômico, adquirido por meio de importações, fez com que houvesse um rápido e intensivo crescimento do capital, o que conduziu a uma precarização de oferta de empregos da população economicamente ativa. Consequentemente, isso gerou expressivo excedente de mão de obra que não se manifestava na forma de desemprego em virtude da ausência de mecanismos institucionais, como o seguro-desemprego, mas sob a forma de trabalhos realizados em atividades organizadas em pequena escala.

O termo ‘setor informal’ originou-se por meio de inúmeros estudos realizados nesse programa e foi demonstrado pelo conjunto de fatores e características (OIT, 1972) expostas na seguinte ordem:

1. Propriedade familiar do empreendimento;
2. Origem e aporte próprio dos recursos;
3. Pequena escala de produção;
4. Facilidade de ingresso;
5. Uso intensivo do fator trabalho e de tecnologia adaptada;
6. Aquisição das qualificações profissionais à parte do sistema escolar de ensino;
7. Participação em mercados competitivos e não regulamentados pelo Estado

A caracterização do mercado de trabalho informal não é tarefa fácil em razão do alto grau de complexidade das situações de trabalho aí existentes. Trata-se de um mercado heterogêneo, tanto no que diz respeito às categorias de trabalhadores nele existentes quanto às inserções ocupacionais desses trabalhadores, pois

o setor informal é composto por pequenas atividades urbanas, geradoras de renda, que se desenvolvem fora do âmbito normativo oficial, em mercados desregulamentados e competitivos, em que é difícil distinguir a diferença entre capital e trabalho. Estas atividades utilizam pouco capital, técnicas rudimentares e mão-de-obra pouco qualificada, que proporcionam emprego instável de reduzida produtividade e baixa renda. O setor também se caracteriza pela falta de acesso aos financiamentos e créditos normalmente disponíveis ao setor formal e pela baixa capacidade de acumulação de capital e riqueza (JAKOBSEN, 2000, p. 13-14).

Este setor definido com base na forma de organização produtiva do trabalho poderá ser abordado por diferentes marcos teóricos, o que gera várias interpretações sobre o assunto (SOUZA, 1983; CACCIAMALI, 1983), entre as quais iremos destacar nesse trabalho apenas duas. A primeira trata da estrutura produtiva, na qual o setor informal representa um conjunto de empresas que ocupa a maior parte do seu excedente, ou seja, da oferta de trabalho urbana, com o objetivo de gerar seu emprego e sua renda. Seus proprietários, em virtude dessa escassez de capital, adotam novas técnicas de produção, mas essas técnicas não geram lucro e nem produtividade.

A segunda abordagem retoma a mudança de estrutura e de subordinação do setor informal ao processo de acumulação, projetando-se para o processo futuro desse setor. Estudos inseridos nessa última abordagem, a partir

de mudanças na estrutura em andamento e nos efeitos, irão lembrar os conceitos do processo de informalidade e do setor informal. Colocaremos quatro elementos que são importantes na configuração dessa estrutura produtiva. No mercado de trabalho e no setor informal, “os processos de reestruturação produtiva, a internacionalização e a expansão do mercado financeiro, o aprofundamento do mercado internacional e a expansão comercial das economias, e a desregulamentação dos mercados” (CACCIAMALI, 1983, p. 97). Esses processos criam um ambiente de maior incerteza dentro do mundo dos negócios, com altas taxas de desemprego e menores taxas de crescimento econômico, gerando vários tipos de reação em mercados estruturais distintos.

No caso de países subdesenvolvidos, acredita-se que, além da falta de informações sistematizadas e padronizadas sobre a estrutura de emprego, a situação se diferencia sobre a absorção, expansão ou retração da mão de obra no setor secundário da economia, podendo ser observada no setor terciário na geração de novos postos de trabalho. Os estudos sobre esse setor são relativamente escassos, limitando-se a avaliar a magnitude dos empregos gerados em setores ou ocupações de alta produtividade com relação àqueles de menor produtividade. “Relembramos que, entre as características que definem o setor informal, destaca-se o elemento fundante de serem formas de organização da produção que se baseiam em mão de obra assalariada para seu funcionamento” (CACCIAMALI, 1983, p. 98).

TÓPICO 2?

2.1 A economia informal

Apesar de todas as dificuldades na abertura de empresas e dos altos custos envolvidos, o Brasil é considerado um dos países mais empreendedores do mundo. Ter perfil empreendedor significa ter uma parcela significativa da população que abre seu próprio negócio.

A economia informal tem um grande potencial diante desse cenário em meio à globalização, pois cria empregos e rendimentos. À medida que a economia foi se tornando instável, a população ficou muito insegura e abatida pelo alto índice de desemprego, partindo assim para outra forma de sobrevivência. Sabemos que muitos trabalhadores que perderam seus empregos buscam no setor informal uma nova forma de manter a si e seus familiares, e é nesse tipo de comércio que esse trabalhador coloca em prática uma nova modalidade de fonte de renda, tornando-se provedor de seu trabalho e também gerando emprego (ANTUNES, 2001).

A informalidade é uma questão a ser imputada ao governo, pela falta de molduras legais e institucionais favoráveis aos trabalhadores que pertencem a esta classe de mercado, pois, devido às crises e suas consequências, como a falta de trabalhos formais, facilitou o grande crescimento de pessoas vulneráveis na empregabilidade. Os camelôs, vendedores ambulantes, são a primeira imagem que nos vem à cabeça quando pensamos em mercado informal.

Segundo Andrade (2003), são várias as causas do desemprego em nosso país:

- a) O trabalho infantil: Com baixos salários, crianças e adolescentes ocupam o lugar de pessoas aptas ao trabalho, aumentando o nível de desemprego.
- b) Aposentados: Devido à queda do nível de vida da aposentadoria, vêm-se obrigados a continuar trabalhando.
- c) Crescimento econômico: É motivo do aumento de desemprego a queda no ritmo de crescimento da economia e, em especial, da taxa de investimentos no país.
- d) Legislação trabalhista: O excesso de regulamentação e a inflexibilidade das leis trabalhistas têm funcionado como fontes inibidoras da geração de empregos formais.
- e) Evolução tecnológica: Com o objetivo de aumentar sua produtividade e diminuir seus custos, a evolução tecnológica limitou o trabalho manual e deu lugar a sofisticados equipamentos.
- f) Globalização: Fenômeno que afeta principalmente os fluxos financeiros e comerciais. Proporciona a crescente abertura dos mercados mundiais, incentiva à concorrência internacional, impondo a redução dos custos das empresas. Assim sendo, o produto fabricado tem que ser competitivo, caso contrário, ocorre a migração das fábricas para regiões em que a mão de obra é mais barata, reduzindo ainda mais os postos de trabalho.
- g) Importações: Com abertura das importações e a globalização da economia, a competição se instalou em todos os setores e os preços precisaram passar por um cálculo de contabilidade de custos mais rigorosos e com menor margem de retorno. O lucro diminuiu e também a oferta de emprego.
- h) Juros: Com juros altos, a empresa brasileira perde mercado, se descapitaliza e dispensa ou para a contratação de mão de obra.

- i) Falta de qualificação do trabalho: As exigências de escolaridade são, a cada dia, mais altas. Muitas empresas não aceitam trabalhadores que não tenham pelo menos o ensino médio completo, e a realidade no Brasil é a baixa escolaridade e um grande número de analfabetos.
- j) Privatizações: Toda privatização implica em dispensa em massa, sob vários argumentos.
- k) Encargos sociais: elevados e insuportáveis.

Diante dos fatores citados, cabe ressaltar que o grau de informalidade tem aumentado no mercado de trabalho brasileiro. A proporção dos trabalhadores com carteira assinada diminuiu, ao passo que a parcela de trabalhadores autônomos e sem carteira assinada cresceu.

Vários são os fatores que podem explicar esse fenômeno: 1) as novas formas de produção e de relação de trabalho tendem a aumentar o contingente de trabalhadores autônomos, principalmente por meio de processo de terceirização; 2) o aumento relativo do emprego no setor de serviços, setor que tradicionalmente gera empregos informais, e 3) os fatores institucionais que associam o sistema de seguridade social à legislação trabalhista podem funcionar como incentivo para que empresas e trabalhadores optem por estabelecer relações informais de trabalho (AMADEO, 1998).

2.2 O mercado informal na cidade de São Paulo

Ao contrário do que pensam alguns, o setor informal de trabalho não é o fator gerador de pobreza e marginalização. Em última instância, é fonte de emprego para uma camada da população, geralmente desqualificada e migrante, marginalizada pelo setor formal, e que, de outra forma, estaria condenada à morte por inanição. Incerteza de ocupação e de renda (ou renda reduzida) e pobreza vêm do bojo de um sistema que necessita de um setor informal urbano de trabalho para fazer frente a um processo de modernização que marginaliza largas faixas da população economicamente ativa. O setor informal torna-se uma fonte de renda e de realização, se não do potencial total do capital humano, pelo menos de sobrevivência, por mais pobre que pareça, de indivíduos que, de outra forma, estariam marginalizados por um rígido mercado urbano de mão de obra. O setor informal não é só porta de entrada temporária do mercado de trabalho urbano para indivíduos vindos do campo e desqualificados, já se constatou que a população que ingressa no setor informal, via de regra, permanece nele muito além de qualquer período de espera, sendo reduzido o número dos que posteriormente passam para o setor formal de trabalho.

Portanto, informa Antunes (1995) e Santos (2010), o mercado informal de trabalho é uma resposta proporcional ao progresso de desenvolvimento brasileiro e à forma como ele atinge as diversas classes sociais. Dessa forma, esse trabalhador tem um perfil que geralmente é: homem, pobre, geralmente negro, imigrante ou migrante, que foi expulso de sua terra e que vincula força de trabalho em atividades quase sempre subutilizadoras do potencial humano e de baixo teor produtivo, sendo, portanto, realimentando o sistema de subutilização da mão de obra e marginalização.

A região metropolitana de São Paulo é formada por mais de 30 municípios conturbados e constitui uma das cinco maiores aglomerações populacionais do mundo. Apesar das mudanças observadas em seu perfil produtivo ao longo das duas últimas décadas, essa região ainda é o principal pólo industrial do Brasil. Nela encontra-se um complexo mercado de trabalho, que tem sofrido o impacto da crise econômica que o país atravessa desde o princípio dos anos 1980 (SINGER, 2001, p. 24).

É só andarmos pelo centro dos bairros comerciais da cidade de São Paulo para percebermos um grande número de homens e mulheres vendendo diversos tipos de mercadorias e artigos pelas ruas, calçadas e sinais. A migração e as novas mudanças que ocorreram propiciaram que esse trabalhador entrasse nesse mercado. As crises econômicas da história brasileira refletiram em desigualdade de renda e falta de educação, habitação, saúde, cultura e transporte, entre outros problemas enfrentados principalmente em consequência do desemprego em São Paulo.

Uma questão fundamental a ser levantada é o aumento significativo do desemprego na década de 1990. No caso da região metropolitana de São Paulo, um aumento ainda maior do trabalho precário. Em outros termos, mais precisamente o mercado de trabalho informal se expande em meio ao crescimento do desemprego. E mais, diminuem os índices do desemprego aberto, conferindo ao problema uma dimensão aparentemente menor do que realmente tem. Ainda que os dados apresentados se refiram à região metropolitana de São Paulo, acreditamos que se trata de uma tendência geral. Surge, a essa altura uma questão, para nós, fundamental: como poderíamos caracterizar o mercado de trabalho informal?

O setor informal não está diretamente ligado à pobreza urbana, pois isso não quer dizer necessariamente pobreza extrema. Inclusive, uma parcela que compõe o setor informal na cidade de São Paulo chega a atingir níveis de renda

bastante elevados por conta de vários fatores, como: localização privilegiada, talento especial ou mesmo algum poder de monopólio.

Sabe-se que a baixa remuneração dos trabalhadores informais prende-se muito ao fato de que as atividades informais encontram freguesia na população mais pobre, fazendo com que haja um barateamento dos bens e serviços, e impedindo que a rendacresça. Entretanto, uma faixa do mercado consumidor dos bens e serviços informais procede do setor formal, ou de pessoas e famílias a ele ligadas, fazendo com que exista uma melhora de renda. No entanto, não se pode dizer que a renda informal cresça, pois, do ponto de vista da classe dominante, a pobreza torna-se um elemento necessário para a acumulação de riquezas, manutenção de privilégios, do poder e da dominação que ela exerce sobre as demais classes (SANTOS, 2010).

O processo da informalidade pode ser representado e acompanhado por duas categorias de trabalhadores que são predominantes: os assalariados sem registro e os trabalhadores por conta própria, mas destacamos que os níveis de emprego e renda são determinados de formas distintas. Dentre os trabalhadores por conta própria, a categoria que vai nos interessar é a daqueles que trabalham para o público, mais especificamente, os camelôs.

3 Os camelôs na cidade de São Paulo

Um vendedor ambulante, comumente chamado de camelô no Brasil, é um comerciante de rua, geralmente parte da economia informal ou clandestina, com banca improvisada, ou não, em especial nas grandes cidades.

A palavra ‘camelô’ é um galicismo (provém do francês, *camelot*, , “vendedor de artigos de pouco valor”) e muitas vezes é substituída por “marreteiro”. Camelô e ambulante são sinônimos, só que o primeiro termo é uma denominação popular e o segundo é uma designação utilizada em legislação que regula o exercício de vendas em um ponto fixo ou em movimento (DEMOCRACIA.COM, 2008).

O trabalho informal absorveu um grande número de trabalhadores ambulantes, os denominados camelôs, nos últimos 25 anos. Este número se expande rapidamente. “... se alguma nação não adotar condições humanas de trabalho, esta omissão constitui um obstáculo aos esforços de outras nações que desejem melhorar as condições dos trabalhadores em seus próprios países” (CONSTITUIÇÃO DA OIT, 1982).

Segundo dados do jornal Folha de São Paulo, de março de 2016, atualmente há cerca de 1.800 pessoas vivendo do mercado informal (camelôs) somente no centro de São Paulo.

A partir de revisão dessa literatura, abordamos as principais características referentes à economia brasileira para melhor entender o mercado informal e a expansão do número de camelôs na cidade de São Paulo. O capítulo a seguir discute os resultados da pesquisa de campo realizada pelo grupo através de entrevistas com camelôs da região comercial do Brás, conhecida como a Feira da Madrugada. Verificamos e analisamos os motivos que levaram ao aumento do número de camelôs e como eles aplicam nas suas atividades diárias estratégias de venda de produtos.

TÓPICO 3???

3.1 Shopping Popular da Madrugada (Feirinha da Madrugada)

Há tempos o Brás, região norte da cidade de São Paulo, é palco de trabalhadores que ganham a vida de forma ilegal. Muitos camelôs, como são chamados entre eles, ocupam as ruas com produtos, geralmente piratas ou contrabandeados, e fogem das fiscalizações por não estarem legalizados, arriscando suas vidas para, simplesmente, trabalhar. Em muitas ocasiões, os camelôs perdem todas as suas mercadorias quando são pegos pela fiscalização. Felizmente, boa parte dos camelôs localizados nesta região já procura trabalhar de forma legal (ESTADO DE SP, 2010).

A Feirinha da Madrugada ficou conhecida por receber um alto número de visitantes diariamente. Segundo o site Migalhas.com (2016), “chegam diariamente mais de 13 mil turistas de compras em ônibus fretados que compram os mais variados tipos de mercadorias”. Muitas pessoas e comerciantes ainda vêm de outros estados para comprar os diversos produtos oferecidos neste local para depois revender.

Segundo o site Globo.com (2015), a feira abriga aproximadamente 2,5 mil boxes com um Termo de Permissão de Uso (TPU) da Secretaria de Coordenação das Subprefeituras.

Símbolo do comércio no Brás, o Shopping Popular da Madrugada (ou “Feirinha da Madrugada”, como é conhecida popularmente) foi fundado em julho de 2005. Com apoio da iniciativa pública, o espaço que começou pequeno, com apenas 180 boxes, tornou-se o maior empreendimento destinado para camelôs que saíram da ilegalidade e trabalham pagando por seu espaço.

Para ter a liberação do uso do espaço, segundo a prefeitura de São Paulo (2016), o camelô deve apresentar documentos pessoais, antecedentes criminais e Cadastro de Contribuinte Mobiliário (CCM), além de assinar um contrato que prevê direitos e deveres dos comerciantes e da administração do espaço, chamada Grupo de Serviços e Armazéns (GSA). Com incentivo da iniciativa privada, o espaço é considerado símbolo do maior projeto de inclusão social de camelôs de São Paulo.

O Shopping Popular da Madrugada, localizado no Brás, é hoje o maior shopping a céu aberto da América Latina. Segundo dados colhidos na própria administração da Feirinha da Madrugada, em 2016, a área onde ela ocorre tem 70 mil metros quadrados, com 4 mil boxes que agregam os mais variados acessórios para venda. O local oferece também área de alimentação e um estacionamento de 20 mil metros quadrados, que, segundo a administração, é gratuito para ônibus. O projeto social é responsável por gerar 30 mil empregos diretos e 120 mil indiretos. O ambiente é amplo e seguro, conta com câmeras e segurança particular 24 horas. O horário oficial de funcionamento é das 2h às 10h da manhã, mas os camelôs chegam uma hora antes para organizarem.

Com toda essa infraestrutura, o shopping atende também a inúmeros ônibus que vêm de todo o Brasil em direção à região central de São Paulo. Atualmente, o Shopping Popular da Madrugada possui mais de 500 guias cadastrados. São recebidos, por dia, uma média de 10 mil pessoas no espaço e cerca de 250 ônibus. Em épocas festivas, o aumento de consumidores é significativo, podendo chegar até 70 mil pessoas. Na primeira quinzena de dezembro de 2007, o espaço registrou cerca de 600 ônibus, e, em pouco mais de dois anos de funcionamento, foi registrada a marca de 10 milhões de visitantes. Vários veículos de comunicação existentes no shopping disseminam as informações: a Revista Legal Brás, uma publicação de bolso; o informativo interno distribuído aos camelôs; a Rádio Legal Brás, e um portal na Internet (<http://www.spmadrugada.com.br>), foi desativado em 2015.

3.2 Análise das entrevistas realizadas com os camelôs na Feira da Madrugada

Entrevistamos 50 camelôs na Feira da Madrugada. Encontramos muita resistência, pois o Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (Gaeco), do Ministério Público Estadual (MPE), estava investigando a criação de uma suposta milícia formada por seguranças, policiais e ex-policiais militares e sua atuação no local. A denúncia foi feita pelos camelôs que acusam a Grupo de Serviços e Armazéns (GSA), que administra o local, de criar um grupo particular de seguranças para expulsá-los e dar lugar a comerciantes chineses que vendem produtos pirateados. A GSA nega as acusações. De acordo com os camelôs, os pontos seriam repassados a chineses por valor até cinco vezes maior e aqueles se recusam a sair são ameaçados (OLIVEIRA; SANTOS, 2009).

A Associação do Comércio Informal e dos Micros e Pequenos Empreendedores (Acimpe) representa os camelôs do local e documentou quatro declarações de camelôs que teriam sido coagidos. O presidente Neilson Paulo dos Santos, em entrevista na própria Feirinha da Madrugada, em 2009, calcula que “metade dos cinco mil boxes esteja alugada a chineses e coreanos”. Um dos camelôs, de nome Reinaldo Onofre do Carmo e Cruz, conhecido como Rei das Bolsas, nome do seu box, recusou-se a nos dar entrevista, mesmo após ser informado sobre a pesquisa científica e que estávamos ali entendendo a dinâmica do local de cultura e das múltiplas identidades. O seu olhar ainda era de muito receio e medo, pois entendeu que pertencíamos ao Grupo de Serviços e Armazéns (GSA) e que estávamos investigando a situação. Reinaldo teve o seu box lacrado pela administração e, para trabalhar, precisou levar o caso à Justiça e registrar dois boletins de ocorrência. Essas informações também foram confirmadas numa matéria do jornal Metrô News, de 16 de março de 2009, na página 7 do Caderno Geral.

Com relação aos camelôs que responderam ao questionário e entrevista, notamos que muitos estão insatisfeitos com a atual administração e têm receio em passar todas as informações, pois dizem temer a reação da GSA. Levamos muito tempo para conquistar a confiança deles e obter as informações necessárias.

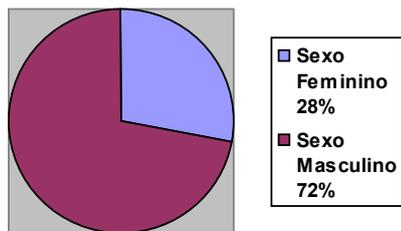
Observamos, em nossa pesquisa de campo e seu contexto sócio-cultural, que a maioria dos camelôs não se considera um camelô e que não gostam que os chamem assim. Eles dizem que são comerciantes e a única diferença entre eles e os lojistas é que vendem seus produtos em uma banca, e não em uma loja, como fazem os outros comerciantes.

A maioria dos camelôs que trabalham no local são homens (72%). As mulheres ocupam 28% do espaço. Perguntamos quais seriam os motivos em se ter menos mulheres trabalhando neste seguimento e elas responderam que “o trabalho é árduo e exige muito tempo fora de casa, apesar do horário diferenciado. Para aquelas que são casadas e têm filhos a dificuldade é maior”.

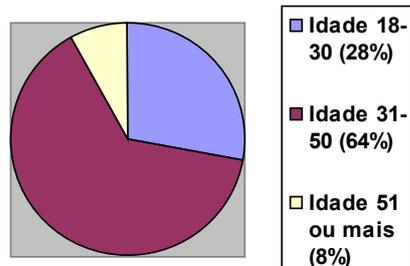
Conforme indicam as tabelas 3.2.a e 3.2.b, em relação à idade, 64% dos camelôs têm entre 31 e 50 anos, mas o número de jovens que ingressam nesta área também é grande, cerca de 28%. Eles reclamam da falta de oportunidade no mercado de trabalho formal: “...estão exigindo curso superior, falar outras línguas e curso de informática. Como vamos conseguir trabalho se não temos esses requisitos?”, reclama um jovem dono de uma banca que não quis se identificar.

“O baixo salário também influencia para quem está iniciando a carreira profissional”, disse ele. Observamos que 8% dos camelôs têm mais de 51 anos. Nesse caso, eles informam que a idade dificulta para conseguir um trabalho no mercado formal, que está cada vez mais exigente. O senhor Rodolfo Fernandes, camelô do local, fala das dificuldades encontradas por falta de estudo: “Quando vim da cidade de Mato Verde, do estado de Minas Gerais, para trabalhar em São Paulo, encontrei várias dificuldades, mas o problema maior foi o meu baixo estudo, não tenho nem o primeiro grau completo e agora, além disso, a idade está avançada”.

3.2.a - Sexo



3.2.b - Idade



O grau de instrução é um fator curioso (tabela 3.2.c, abaixo), pois não encontramos nenhum analfabeto. Somente 16% dos entrevistados possuem o 1º grau completo; 20% possuem o 1º grau incompleto, e a maioria pretende voltar a estudar. Parte dos entrevistados possui o 2º grau completo (44%). Outro camelô, chamado Marco Aurélio, disse: “Fui metalúrgico na Volkswagen por muitos anos e nunca precisei ter nível superior. Saí de lá para ser camelô e porque queria alcançar novos horizontes e ganhar mais dinheiro. Nessa profissão não se precisa de muito estudo, apenas saber fazer dinheiro. Pra ganhar dinheiro não é necessária formação acadêmica, mas sim ser esperto e sempre inovador”. Dos entrevistados, 4% possuem 2º grau incompleto.

Um bom exemplo da vontade dos camelôs em voltar a estudar é ilustrado pelo caso do Digno, imigrante do Paraguai, que informou: “Pretendo terminar o segundo grau para futuramente fazer um curso superior voltado para vendas, pois não quero sair da profissão, apenas aprender mais”. Os imigrantes de várias etnias formam atualmente a Feirinha da Madrugada, lá podemos encontrar peruanos, bolivianos (que são a maioria no local), chilenos, uruguaios e uma recente leva de refugiados, como é o caso dos haitianos e mulçumanos. Outro dado importante é a quantidade de coreanos na Feirinha da Madrugada, o que faz com que um dos problemas principais de comunicação seja a língua.

Identificamos que 4% dos camelôs não concluíram o curso superior. Um camelô que não quis se identificar explicou: “Não pretendo concluir o curso superior, já que o curso que iniciei é voltado para outra área e para essa não influencia”. Já Ednilza, outra camelô, disse: “vou terminar o curso de Radiologia, mas vou continuar com a profissão de camelô. Se for possível, trabalharei nas duas profissões”.

Os entrevistados que concluíram o curso superior somam 12%, sendo que vários não conseguiram emprego no ramo de formação. Outros sofreram com as mudanças que as empresas estavam passando no momento. Em alguns casos, o cargo de muitos deles se extinguiram, como foi o caso da comerciante Fátima (como gosta de ser chamada). Ela disse: “ (...) me formei em marketing, trabalhava como gerente de uma multinacional, mas cerca de dois anos e meio depois a empresa me mandou uma carta de demissão, pois o cargo que eu exercia havia sido extinto da empresa e o salário que eu ganhava era muito alto para a empresa poder se manter”. Ela também diz: “acho que, com a minha formação acadêmica e a experiência que desenvolvi na empresa onde trabalhava, só fez melhorar o meu aprendizado como comerciante. Pela minha formação, consigo aplicar conceitos de marketing na venda do meu produto”. Poucos camelôs usam o que aprenderam na faculdade como instrumento para ganhar dinheiro. Os que acham que estar formado não influencia no modo de trabalho dizem estar satisfeitos com a profissão atual, porque sabem lidar com o cliente e conhecem bem seu produto.

3.2.c - Grau de Instrução



■ Analfabeto 0%	■ 1º Grau incompleto 20%
■ 1º Grau Completo 16%	■ 2º Grau incompleto 4%
■ 2º Grau Completo 44%	■ Superior Incompleto 4%
■ Superior Completo 12%	

Os camelôs brasileiros reclamam que os estrangeiros ocupam cada vez mais lugares de trabalho na Feirinha da Madrugada, em especial os chineses, e houve uma grande expansão no número de africanos e mulçumanos. Dos que nasceram em São Paulo, entrevistamos 48%, conforme mostra o gráfico 3.2.d. Alguns reclamaram que a vinda de imigrantes de outros estados e do estrangeiro prejudicou suas vendas. Maria de Lourdes, que vende brinquedos de pelúcia, reclama que

os estrangeiros, principalmente os chineses, tomam conta da Feirinha da Madrugada. A administração compra de volta da gente que é brasileiro os boxes e bancas, a preço de banana, para revender aos chineses por um valor cinco vezes maior do que compraram. Os camelôs que não aceitam vender seu espaço são ameaçados ou impedidos de trabalhar, porque a administração manda os seguranças lacrarem os boxes ou impedir a entrada. Aqui pertinho teve um caso desse. Aqui tudo é uma máfia. Os taxistas trabalham para a administração e até as tias que vendem café trabalham para eles. Os sindicatos só querem dinheiro e nada fazem ao nosso favor. Já ouvi falar que os próprios seguranças estão roubando mercadorias da gente.

Já os camelôs estrangeiros, com exceção dos chineses, reclamam que o rendimento é pouco, principalmente para quem está ilegal no país, pois pagam mais taxas para a administração do que os brasileiros para se manterem no local. Reclamam que são extorquidos e constantemente ameaçados, como reclamou o camelô Mário, que é boliviano: “me fizeram uma proposta para trabalhar com confecção de roupas no Brasil e aceitei. Quando comecei a trabalhar, vi que não ganhava quase nada, era explorado, trabalhava muito para ganhar pouco, pois o custo de vida aqui é mais alto. Aí resolvi trabalhar para mim mesmo confeccionando bolsas”. E continua “aprendi olhando como outros bolivianos faziam no mesmo local onde eu trabalhava, mas continuo sendo explorado. Pago mais taxas do que os outros camelôs brasileiros para me manter no país. Só querem dinheiro. Quero voltar para meu país e trabalhar como motorista, que era a minha função antes de vir para o Brasil”. Outro estrangeiro, vindo do Equador, chamado Alex Vinicius, disse que “com o governo Lula melhorou muito para nós estrangeiros, pois a lei ficou mais flexível para nossa entrada no país. Com isso podemos vir em grande quantidade para trabalhar e ter melhores condições de vida, me naturalizando brasileiro e até formando minha família”.

Percebemos também que, além dos imigrantes e refugiados que se encontram atualmente na Feira da Madrugada, ainda há uma grande quantidade de pessoas oriundas do nordeste do Brasil. A camelô Lúcia, que a princípio teve receio em se identificar, disse “vim para cá enganada pela possibilidade de ganhar dinheiro rápido e quando cheguei me deparei com dificuldades até mesmo de moradia. Porém, achei que o mercado é amplo e está aberto a quem tiver dinheiro para investir, não é o meu caso. Por isso, estou fechando a banca, porque não consigo vender nem para pagar as contas”.

Encontramos dificuldades para entrevistar os camelôs estrangeiros, que representam 12% do total de entrevistados. São eles: bolivianos, paraguaios, chineses, chilenos, equatorianos e mulçumanos e, mais recentemente, uma gama de refugiados vindos de vários países da África. Alguns camelôs informam que os chineses têm mais de um boxe dentro da feirinha, gerando dissabores e conflitos entre eles. O número de estrangeiros é significativo em relação à quantidade de brasileiros. Os estrangeiros falam bem sobre seus produtos, sabem negociar descontos falando em português, mas têm dificuldades para falar sobre outros assuntos quando tentamos entrevistá-los. Os chineses, na maioria, não entendiam o que perguntávamos. Grande parte desses imigrantes tem funcionários brasileiros para ajudá-los nas vendas e serem intérpretes para melhor comunicação, mas não encontramos nenhum disponível para nos ajudar a responder o questionário quando estivemos no local. Um colega brasileiro, dono de uma banca vizinha a outra de um chinês, informou-nos que ele costuma estudar o idioma português nas folgas.

3.3 Dificuldades encontradas no mercado de trabalho

A maioria dos camelôs entrevistados não queria retornar ou ingressar no mercado formal. Eles dizem que sua situação financeira está ótima, ou que melhorou, e que são diversos os benefícios da atividade que desempenham, como flexibilidade do horário, não ter patrão ou chefe, além do rendimento diário e mensal, que foi o fator principal entre eles.

Contudo, eles reclamam das taxas abusivas cobradas pela administração. A maioria reclama de repressões que sofrem da administração; do horário de funcionamento, que vai das 2h às 14h; e dos seguranças, que não são confiáveis, pois furtam suas mercadorias. Alguns reclamam do sindicato, que exige um valor mensal e nada faz para melhorar as condições do local e do trabalho; dos taxistas que trabalham para o GSA; dos estrangeiros, que ocupam seus lugares ou que compram uma banca dentro do Shopping para usarem como estoque e têm outra banca ilegal na rua ao lado. Os camelôs também reclamam que foram atingidos pela atual crise financeira, que atinge o mundo todo.

Considerações finais

A leitura e análise de livros e textos acadêmicos, assim como das entrevistas sobre as experiências de trabalho dos camelôs, revelam a formação da sociedade brasileira como uma história da (re)produção de indignas condições de vida.

Os questionários e entrevistas utilizados na pesquisa foram de grande importância para a obtenção de um relatório seguro e completo sobre o que queríamos e, com isso, detalhamos item a item a vida profissional e os laços simbólicos de convivência desse trabalhador informal. Pesquisamos se esses trabalhadores informais possuem algum nível de ensino e se esse fator influencia no seu desempenho diário das atividades. Os camelôs, que na sua maioria não possuem curso superior, aplicam seus conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida e obtêm resultados positivos no seu rendimento.

O aumento do número de camelôs foi causado pelas exigências do mercado formal, devido ao avanço da tecnologia, que exige profissionais cada vez mais qualificados, gerando aumento de desemprego. Como o trabalho não exige maiores qualificações e a lucratividade é significativa, muitos têm migrado para o trabalho no setor informal, inclusive estrangeiros.

No momento, não sabemos o desdobramento referente à mudança da administração no local da Feirinha da Madrugada. No entanto, podemos dizer que os camelôs têm uma força de vontade muito grande para permanecer no ramo e no local. As suas expressões profissionais são positivas, mesmo diante do quadro de dificuldades que apresenta a situação atual.

Resta-nos lembrar que a perseguição ou a “caça” aos camelôs acontece, e não é a primeira vez na história. Esses comerciantes de rua ainda clamam pelos seus direitos. Anunciam sem medo e utilizam a criatividade típica de nossa cultura popular. Embora existam regras em papel nos dias de hoje, ainda utilizam o boca-a-boca perpetuado na tradição como um grito organizado por centenas de pessoas que aprenderam a viver e a lutar em coletivo. A luta de um desencadeia espontaneamente a luta e mobilização de outros. O desemprego e a possibilidade de ganho acima do que se tinha também são fatores relevantes para esses comerciantes informais.

A sinceridade, a comunicação das notícias e as palavras que se propagam são tão pouco românticas, mas esperançosas por dias melhores. As características marcantes, as articulações e as manifestações fazem parte da longa jornada dos camelôs, que competem com os concorrentes lojistas, com a lei, com o tempo e com as mudanças tão improváveis e incertas. Curiosamente, incomodam a muitos que querem conter o crescimento de um sistema ambulante, mas ele insiste em se expandir espontaneamente.

Referências

AMADEO, E. *Dez pontos sobre a situação recente do mercado de trabalho*. Brasília: Ministério do Trabalho, 1998. (Notas sobre o mercado de trabalho, 5).

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. *Os sentidos do trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 5. ed. São Paulo: Boitempo, 2001.

CACCIAMALI, M. As economias informal e submersa: conceitos e distribuição de renda. In: CAMACHO, J. M.;

- GIAMBIAGI, F. (Org.). *Distribuição de renda no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1991. p. 97-98.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Constituição da Organização Internacional do Trabalho (OIT), 1982. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/decent_work/doc/constituicao_oit_538.pdf> Acesso em: 31 ago. 2016.
- DUPAS, Gilberto. A lógica da economia global e a exclusão social. *Revista de Estudos Avançados*, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 121-159, set./dez. 1998.
- JAKOBSEN, Kjeld et. al. (Org.). *Mapa do Trabalho Informal: perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- MARX, Karl. *O Capital: livro primeiro*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 1v.tomo 2.
- RAMALHO, José R; SANTANA, Marco A. Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. In: _____. *Além da fábricas-trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 21.
- SANTOS, J. M. dos. et.al. Avaliação das práticas de fabricação nos comércios ambulantes do centro da cidade do Recife-PE. In: JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 10., 2010, Recife. *Anais...* Recife:UFRPE, 2010.
- SINGER, P. *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. São Paulo: Contexto, 2000.

Sites Consultados:

- FEIRINHA da madrugada. [2007?]. Disponível em: <<http://www.feirinhadamadrugada.com.br>>. Acesso em: 28 fev. 2015.
- METRÔ NEWS. Disponível em: <<http://www.metronews.com.br>>. Acesso em: 16 mar. 2016.
- MERCADO informal continuará forte. 2006. Disponível em: <<http://www.estado.com.br/editorias/2006/12/25/economia-1.93.4.20061225.5.1.xml>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- SHOPPINGS descobrem os benefícios do marketing direto: Programas de fidelidade se mostram eficazes e ajudam a garantir o fluxo de clientes nas lojas dos empreendimentos. *Revista Marketing Direto*, ano 05, n. 43, set. 2005. Disponível em: <http://www.abemd.org.br/revista/pdf_revistas/set_05.pdf>. Acesso em: 31 maio 2016.
- SP MADRUGADA. Disponível em: <<http://www.spmadrugada.com.br>>. Acesso em: 07 mar. 2015.
- TRABALHO informal cresce quatro vezes mais rápido que mercado formal. 2004. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/09/290143.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2015.

Data de submissão: 02/02/2017

Data de aceite: 24/04/2017